O HERÓI TRÁGICO MODERNO EM "A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE" DE ARTHUR MILLER

Lima, Maria Ozana Cidade de

Resumo. Este trabalho tem como objetivo mostrar através da análise da obra *A morte do caixeiro viajante*, de Arthur Miller, a figura do herói trágico moderno, mostrando que o conceito que é dado ao herói trágico clássico não se encaixa neste drama moderno. Através de abordagem teórica, com base em Kothe (1987), Feijó (1984), Eikhenbaum (1973), Aguiar e Silva (1982), Candido (1972) entre outros, foram descritos os conceitos de personagem e herói e as diferenças entre o herói épico, o trágico clássico e o trágico moderno. Conclui-se que o herói da obra, Willy Loman, é um herói trágico moderno, já que falha nas decisões que toma, selando seu destino trágico.

Palavras-chave: Herói, Personagem, "A morte do caixeiro viajante".

Abstract. This work has as objective to show through the analysis of the work "Death of a salesman, of Arthur Miller, the figure of the modern tragic hero, showing that the concept given to the tragic classic hero does not fit to this modern drama. Through a theoretical approach based on Kothe (1987), Feijó (1984), Eikhenbaum (1973), Aguiar e Silva (1982), Candido (1972), among others, the concepts of hero and character were described and the differences among the epic hero, the tragic classic hero and the modern tragic hero. We conclude that the hero of this work, Willy Loman, is a classic tragic hero, since he fails in his decisions, sealing his tragic destiny.

Key-words. Hero, Character, "Death of a salesman".

INTRODUÇÃO

Verificar o herói trágico moderno em uma obra teatral como "A morte do caixeiro-viajante" inclui pensarmos no homem moderno e em seus conflitos, medos e problemas. Neste trabalho, nosso objetivo é analisar o personagem protagonista, Willy Loman, herói desta peça, e suas características, mostrando também a diferença que há entre o herói épico, o herói trágico clássico e o trágico moderno.

Na literatura, o herói vem sendo representado de formas variadas, que se modificam conforme se modifica a sociedade, os valores temporais e sociais. Por isso, para entender nosso herói moderno, precisamos antes verificar os conceitos destes heróis diversos, fazendo um retrospecto histórico sobre a representação dos variados heróis existentes.

Neste sentido, para alcançar nosso objetivo de classificar Willy Loman como um herói trágico moderno, verificaremos, inicialmente, as definições de personagem e depois de herói, de forma geral e dos heróis da literatura, para enfim chegarmos ao herói da modernidade, do qual Willy Loman faz parte.

[1]Acadêmica do 8º período do Curso de Licenciatura dupla em Letras Inglês e Português

Este trabalho tem caráter bibliográfico qualitativo, no qual abordaremos os conceitos de personagem e herói com base em Kothe (1987), Feijó (1984), Eikhenbaum (1973), Aguiar e Silva (1982), Candido (1972), entre outros e depois haverá a coleta de trechos para exemplificar nosso herói como um herói trágico moderno.

OS HERÓIS ÉPICO, TRÁGICO CLÁSSICO E TRÁGICO MODERNO

A PERSONAGEM

Antes de chegar à figura do herói é necessário que se faça uma retomada do conceito de personagem, para que assim percebamos o seu papel literário, reconhecendo que sem personagem não existe obra literária.

Falar sobre personagem não é fácil, uma vez que para entendê-la temos que percorrer alguns caminhos que possam nos auxiliar no processo de definição desse objeto de estudo. O conceito de personagem está ligado não somente à sua criação artística, mas à sua existência enquanto ser ficcional. Sabemos que a personagem tem sido até mesmo confundida com o ser humano, por esta muitas vezes representar fielmente ou quase o real (CANDIDO, 1972).

As personagens representam pessoas dentro da ficção e são construídas à imagem e semelhança dos seres humanos, sendo elas construídas através da fantasia do autor. Elas atuam no interior da obra literária e a mesma não existe fora do papel, a escrita é o meio de torná-las até certo ponto "reais". A personagem é um ser inteiramente ficcional e a matéria da qual é feita e o espaço que habita são completamente diferentes do ser humano. Segundo Candido (1972, p. 55): "Podemos dizer, portanto que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste." Ou seja, a personagem é quem dá vida à história narrada, à obra literária.

Por desempenhar um papel que a permite simular pessoas, comportamentos e sentimentos reais, a personagem traz para o leitor a impressão de que são pessoas vivendo situações e dilemas semelhantes aos seus, e isso o induz à emoção, por muitas vezes identificar-se com a situação representada por tal personagem.

De acordo com os elementos usados pelo autor para descrever e definir a personagem, é possível ao leitor chegar à conclusão de que "o personagem é um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza". (CANDIDO, 1972, p. 59). É também

[1]Acadêmica do 8º período do Curso de Licenciatura dupla em Letras Inglês e Português

um ser lógico, porém não mais simples de entender do que as pessoas, o que nos leva a perceber muitas vezes a complexidade que determinada personagem possui, como vemos: "A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com peripécia os elementos da concretização, cujo numero é sempre limitado se o compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas (CANDIDO, 1972, p.59)."

Quanto à função que desempenham, segundo Aguiar e Silva (1982), as personagens podem ser classificadas como: protagonista, que é o personagem principal, em torno do qual se constrói toda a trama, como Hester Prynne de "A letra Escarlate", (1850); antagonista, que se opõe ao protagonista, criando um clima de tensão na narrativa, como Roger Chillingworth da mesma obra; e as personagens secundárias que participam da ação, no entanto, não desempenham papéis decisivos nela, como a personagem Myrtle, em "O grande Gatsby" (1925), de F. Scott Fitzgerald.

As personagens também podem ser definidas como planas e redondas; planas são personagens construídas em torno de uma única qualidade ou defeito e não alteram seu comportamento no decorrer da trama, por isso não causam surpresa. Um exemplo deste tipo de personagem é Miranda, a filha de Prospero, em "A tempestade" (1611), de Shakespeare, que se mostra uma menina dócil, inocente, facilmente impressionável, do início ao fim da trama. Redondas são personagens construídas com maior complexidade. Podem ser cheias de contradições, apresentar comportamentos imprevisíveis, indecifráveis, que de maneira persuasiva acabam por surpreender o leitor por seus atos inesperados. Um exemplo deste tipo de personagem é Isabel Archer de "Retrato de uma Senhora", (1881), de Henry James, que se mostra contraditória, surpreendente, do início ao final da narrativa. Segundo Candido: "A prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente. Se nunca surpreende, é plana. Se não convence, é plana com pretensão à esférica. [...] Ela *[a esférica]* traz em si a imprevisibilidade da vida, - traz a vida dentro das paginas de um livro." (CANDIDO, 1972, p.63).

Como vimos anteriormente são dadas algumas classificações à personagem, dentre elas podemos também citar a personagem enquanto herói ou anti-herói, sendo a protagonista da obra, que pode ou não ser facilmente identificado dentro da obra, de

[1]Acadêmica do 8º período do Curso de Licenciatura dupla em Letras Inglês e Português

acordo a sua função. Neste trabalho, daremos foco ao herói, por isso vejamos agora como ele pode ser classificado.

O HERÓI

Se ao longo da historia as sociedades foram estrategicamente organizadas em classes, o mesmo ocorreu na literatura com a trajetória do herói que passou por um processo de aceitação, pois só era considerado herói a personagem que pertencesse à classe social alta. Mas com o processo de industrialização começa a se tornar "alto", ou seja, com maior importância dentro da obra, também aquele que pertencia à classe social baixa, como afirma Kothe:

> O alto e o baixo da sociedade se operacionalizam e se entrecruzam de vários modos na literatura. Tendem a ecoar a natureza fazendo o alto aparecer como elevado e mostrando o baixo como inferior, mas isto corresponde a própria possibilidade de a classe dominante dominar ideologicamente a sociedade. (1987, p. 6)

O que podemos perceber é que a sociedade muitas vezes julga não pela capacidade que o ser humano tem de demonstrar o seu caráter, mas pelo quanto esse indivíduo pode contribuir economicamente com o sistema capitalista. Isso também pode ser percebido na literatura quando ela mostra que cada personagem pertence a uma classe, como o que é considerado de tipo elevado (o herói trágico ou épico) e o de tipo baixo (o pícaro).

A teoria literária considera, modernamente, que o que caracteriza uma personagem como herói é a sua ação dentro da obra, desempenhando certa capacidade que desperte e chame a atenção do leitor, mesmo não sendo de uma classe alta, critério este que determinava os heróis clássicos. Hoje, a classe social não impede ao herói moderno de se tornar o centro das atenções. Assim o herói é definido, de acordo com Eikhenbaum: "O personagem que recebe a carga emocional mais viva e acentuada chama-se herói. O herói é o personagem seguido pelo leitor com a maior atenção. Provoca a compaixão, a simpatia, a alegria, e a tristeza do leitor (1973, p. 195)."

Para que o herói atinja a função vista acima, ele deve ser caracterizado com cuidado pelo autor, como vemos:

> [...] A caracterização pode ser direta- caso o autor, o próprio personagem ou os outros o descrevam- ou indireta, quando se origina nos atos e na conduta do individuo. Sua aparência pode ser enganadora; seu caráter, constante ou mutante. Não basta caracterizar os heróis, eles devem receber "reforço emocional", a fim de despertar simpatia ou antipatia no leitor. (EIKHENBAUM, 1973, p.25).

Ao herói deve ser dada uma forte carga emocional, de maneira que ele desperte a atenção do leitor. Como vemos acima, a caracterização do herói pode ser direta, quando as informações sobre o seu caráter são percebidas através da descrição feitas pelo autor ou outro personagem, e indireta quando seu caráter é percebido através de suas próprias ações. Independente de como venha esta percepção, o importante é salientar que o herói deve despertar a atenção e o interesse do leitor, levando-o a se identificar ou repudiar as características deste personagem.

Podemos identificar vários tipos de heróis na literatura, desde o herói mitológico ao herói das estórias em quadrinho, porém neste trabalho iremos conhecer apenas três tipos de herói que pertencem à história literária que são: o herói trágico clássico, o herói épico e o herói trágico moderno, cada um com a sua particularidade.

Os primeiros heróis a serem descritos são os clássico. Para Kothe "Os heróis clássicos são heróis da classe alta, que procuram demonstrar a "classe" dessa classe." (1987, p.12). O herói épico e o herói trágico se encaixam no grupo dos heróis clássicos, de tipo "elevado", entretanto existe uma diferença básica entre ambos: o herói épico, para constituir sua grandeza pode matar, mentir e enganar para elevar o seu valor, o herói trágico perde o seu prestígio, fator que determina seu fim trágico, o que permite a sua elevação.

O herói clássico estava ligado a forças poderosas e divinas, como é o caso do herói épico e do trágico clássico, porém o herói trágico moderno alcança uma nova característica. Esse tipo de herói entra em conflito consigo mesmo e acaba afundando em suas ilusões sem conhecer sua própria identidade, passando de herói à vítima de suas próprias escolhas, como afirma Kothe:

> O percurso do herói moderno é a reversão do percurso do herói antigo. Se antigamente se colocava a questão do percurso individual ou grupal entre o alto e o baixo da sociedade, o herói passa a ser, com o processo de industrialização, o próprio questionamento da estruturação social em classe alta e classe baixa (1987, p.65).

[1]Acadêmica do 8º período do Curso de Licenciatura dupla em Letras Inglês e Português

Nas tragédias clássicas o herói era colocado como elevado ou baixo, pertencia sempre à classe alta da sociedade, que era o fator que o distinguia dos demais personagens. Já nas tragédias modernas o herói nem sempre faz parte da alta sociedade, esta personagem é alguém que trabalha duro e luta para se integrar na alta sociedade, mas não consegue e se torna apenas objeto de descarte para o sistema que separa os ricos dos pobres. De acordo com Kothe:

> O clássico herói trágico nunca é o membro do povo ou da camada média. [...] ele geralmente está no topo do poder. [...] Ele descobre a mão –de- ferro do poder, do destino, da historia: descobre que o seu agir foi errado; descobre que não devia ter feito tudo o que fez; descobre que é mais o fraco na correlação de forças, embora aparente ser o mais forte, ou ainda que tenha acreditado ser o mais forte. [...] (1987, p.26).

Diante disso percebe-se a diferença que há entre os dois heróis, o herói das tragédias clássicas, apesar de descobrir o seu fracasso, descobre principalmente que o seu fim trágico já estava predestinado, o seu destino já estava traçado pelos deuses, e tudo isso era evidente por ser imutável; já o herói trágico moderno age de acordo com as escolhas que determinam o seu fim, o modo como ele escolhe é que estabelece o seu fracasso.

O herói moderno luta consigo mesmo e torna-se vítima de seus conflitos internos, o sentimento de culpa é o seu principal martírio, pois ele passa a conviver com isso freqüentemente, o que se torna o seu tormento. O herói problemático não encontra apoio e acaba até mesmo sem forças para lutar contra seus conflitos, em um estado "[...] de abandono por Deus. Aí, o homem só pode recorrer a si mesmo, não tem outro a não ser suas próprias forças e é assim que ele leva a efeito uma operação de autocriação." (FEHER, 1972, p.22).

O herói moderno é considerado o herói problemático por causa de seus conflitos, seja com a sociedade da qual faz parte, seja com a culpa de ter falhado em suas decisões. Esse herói vive um problema que não foi solucionado, a sua tarefa não foi resolvida, seja na sua família, amigos e na sua profissão (FEHÉR, 1972).

O herói moderno trava uma luta entre o eu e as concessões impostas pela sociedade, manipulado por um forte desejo de obter êxito e fazer parte de um grupo que "tudo pode", pois o dinheiro é quem determina, sente-se fracassado porque constrói uma vida em

[1]Acadêmica do 8º período do Curso de Licenciatura dupla em Letras Inglês e Português

função de sonhos inalcançados e isso acaba sendo transferido para as pessoas com as quais se relaciona.

Esse herói não é vitorioso, pois ele só encontra solução para os seus problemas e o de sua família na sua morte, por isso sendo chamado de trágico. O fator determinante para a sua queda trágica são as escolhas que ele faz durante a sua vida, desde a escolha pela profissão, a relação fracassada com a sua família que se dá pela perda de confiança, com os amigos de quem ele sente inveja pelo sucesso obtido. (FEHÉR, 1972).

O sentimento de culpa é o que mais lhe atormenta por tudo que fez, ele é o principal culpado pela sua derrota, pois tudo poderia ser diferente desde que soubesse fazer suas escolhas. O herói moderno nunca aceita o seu fracasso, ele sempre acredita (ou quer acreditar) que escolheu o melhor para si, mesmo não conseguindo ser bem sucedido, ele nunca aceita suas falhas (LUKÁCS, 2000).

Vejamos agora se nosso herói, Willy Loman, em "A morte do caixeiro-viajante", pode ser classificado como um herói trágico moderno e se sim, por que.

O AUTOR E SUA OBRA

A morte do caixeiro viajante, publicada em 1949, é uma peça de teatro escrita por Artur Miller, que nasceu em 17 de novembro de 1915, em Nova York. É considerado um dos principais dramaturgos americanos surgidos após a Segunda Guerra Mundial.

A obra *A morte do caixeiro viajante* conta a estória de um vendedor, um caixeiro viajante de sessenta e poucos anos que vê sua vida familiar e profissional sucumbir à revelia de sua ilusão de grandeza. Em fim de carreira descobre que não tem mais importância para o mercado capitalista e isso o leva à sua queda, ou seja, a sua própria morte (MAGALDI, 1976).

Willy Loman é o protagonista da história, o herói. Ele é casado com Linda Loman, que tem grande admiração por ele. O casal tem dois filhos, Biff e Happy. Biff, assim como seu pai, não obteve sucesso em nenhuma profissão, e Happy gosta dos prazeres obtidos com as mulheres.

O principal conflito da trama está na ambígua relação de dependência com o filho Biff, no qual projeta o sucesso que ele próprio gostaria de ter alcançado. Ambos acabam sofrendo muito por não haver perdão e principalmente o respeito que Biff perdeu por seu pai quando, na adolescência, descobriu que o mesmo tinha uma amante.

[1]Acadêmica do 8º período do Curso de Licenciatura dupla em Letras Inglês e Português

A relação de toda a família é afetada por este protagonista, que fracassa na carreira, mas não admite isso. Willy representa o típico herói do sonho americano, que está subjugado por um desejo de conquistar riquezas e respeito perante a sociedade. Vive alucinado por lembranças de seu passado, e só com a morte de Willy é que a família se vê de certa forma livre de suas ilusões.

O HERÓI TRÁGICO MODERNO NA OBRA *A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE*

A obra *A morte do caixeiro viajante* mostra a queda trágica do herói moderno e as falhas que determinam a sua queda, pois tudo depende de suas escolhas, sendo elas certas ou erradas, e este herói falha durante toda a sua vida, como veremos.

A primeira falha de Willy é escolher ser caixeiro viajante e não ter a mesma coragem que seu pai e seu irmão tiveram de aventurar-se, buscando riquezas em terras pouco exploradas. Para ele, seu irmão representa alguém vitorioso, um referencial, alguém que entra na selva aos dezessete anos e sai de lá rico. Ele até sente vontade de fazer o mesmo, mas acaba decidindo ficar e ser um vendedor, por causa da admiração que sentia por certo caixeiro que ele havia conhecido, que tinha obtido sucesso. Iludido, achou que o mesmo aconteceria com ele, como vemos:

> Willy- Ah, sim, meu pai viveu muitos anos no Alasca. Ele era um homem aventureiro. Nós temos um traço bem forte de autoconfiança na nossa família. Eu pensei em ir com meu irmão mais velho localizar o velho e talvez me instalar no norte. E estava quase decidido a ir quando conheci um vendedor na Parker House. [...].O nome dele era Dave Singleman. E ele tinha oitenta e quatro anos e espalhava mercadorias por trinta e um estados. [...] calçava o chinelo de veludo verde, não esqueço nunca, pegava o telefone, falava com os compradores e sem sair nunca, pegava o telefone, falava com os compradores e sem sair nunca do quarto, aos oitenta e quatro anos ele ganhava a vida. E quando eu vi isso eu entendi que a carreira de vendas era melhor que se podia querer (MILLER, 2009, p.222).

Além de escolher uma profissão para a qual não havia sido talhado, Willy falha na educação de seus filhos, não os incentiva a estudar: Bernard-[...] Cadê ele? Se ele não estudar! Willy-[...] Você passa as respostas para ele! (MILLER, 2009, p.192). E principalmente permite que eles tenham atitudes erradas, como roubar material de construção, como vemos abaixo:

> Willy-[...] Pelo menos meia dúzia de tábuas de vinte e cinco por quinze que valem uma fortuna.
> Bernard-[...] O vigia está correndo atrás do Biff!
> Willy-[...] Cale a boca! Ele não está roubando nada!
> Willy-[...] Não tem nada de errado. Qual é o problema?
> (MILLER, 2009, p. 201)

Para ele não há mal nenhum nisso, isso significa um sinal de esperteza, embora isso pudesse refletir na vida adulta de seus filhos, que não se importam em ganhar de forma "fácil", sem mérito próprio, uma atitude que aprenderam com seu pai. O trecho abaixo exemplifica isso:

> Happy- De vez em quando os fabricantes me oferecem uma nota de cem dólares para desviar um pedido para um deles. Você sabe como eu sou honesto [...] (MILLER, 2009, p.181)

Acima, notamos como o caráter dos filhos foi moldado por este modo de pensar de Willy, ensinando os filhos a serem "espertos", mesmo que nem sempre honestos. Além disso, ele tem uma relação de dependência com a sua família, a sua esposa Linda tenta camuflar o seu fracasso, sente pena por ele não ter sido um grande homem no mundo dos negócios e cobra principalmente de Biff o respeito para com o seu pai, sem nem mesmo saber o principal motivo que os leva ao desentendimento. Para ela, o marido está apenas cansado e sem forças para continuar em seu duro trabalho.

> Willy– [...] Eu vou fazer você ter orgulho de mim, Linda, vou... Linda- Não tem que fazer nada por mim, meu bem.Você está indo muito bem, melhor que...(MILLER, 2009, p. 192)
> Linda- [...] Ele é o homem mais querido do mundo para mim eu não vou deixar que ninguém faça ele se sentir indesejado, deprimido, triste[...] Ou ele é seu pai e você tem respeito por ele ou então você não pode mais vir aqui. Eu sei que ele não é fácil... ninguém sabe melhor do que eu....mas...(MILLER, 2009, p.204).

Fracassado em sua profissão, Willy jamais admitia o fracasso dos filhos, pois se isso acontecesse seria admitir o seu próprio fracasso. Ele nunca aceitou que Biff não tinha se realizado profissionalmente e não queria que o filho revelasse aos outros que ele trabalhava em uma fazenda e que aos trinta e quatro anos não tinha se encontrado na profissão: Willy-[...] Diga para ele que estava em vendas no oeste. Não trabalhando em

fazenda[...] Willy- Porque você tem grandeza, Biff, não esqueça disso. Você tem muita grandeza....(MILLER, 2009, p.213). O próprio Biff sabe de suas limitações, percebe o próprio fracasso, como vemos: "Biff- [...] Tenho trinta e quatro anos, devia estar construindo o meu futuro[...] eu estou é muito atrapalhado[...] (MILLER, 2009, p. 179)". Mas Willy esconde de si mesmo tudo isso, pois sabia que a culpa do fracasso de Biff era sua porque, além de não incentivá-lo aos estudos, fez com que o filho perdesse a confiança em si, quando, ainda adolescente, descobriu que o pai tinha uma amante:

> Willy – [...] Você não está pensando que...Agora escute, rapaz, ela é só uma compradora. Ela examina a mercadoria no quarto dela e eles precisam fazer assim porque... Olhe aqui, Biff, quando crescer você vai entender essas coisas.[...] Ela não é nada para mim, Biff. Eu estava sozinho, muito sozinho.[...] Me desculpe por isso!
> Biff- Falso!Falso,cafajeste! Seu falso! (MILLER, 2009, p.252)

A partir daí, Biff jamais obteve sucesso, decepcionado com o pai, como vemos. Willy, embora saiba de sua culpa, tenta esconder isso de si mesmo e oscila, ora culpando a si mesmo, ora culpando ao filho:

> Willy-[...] A vida dele acabou depois daquele jogo Ebbets Field. Depois dos dezessete anos não aconteceu mais nada de bom na vida dele. Ele nunca se preparou para nada. [...] Mas se preparou, sim. Depois do colégio ele fez tantos cursos por correspondência. Radio técnica, televisão, Deus sabe o que mais, e nunca conseguiu nada (MILLER, 2009, p. 231)

Willy, desde o início da peça, mostra certo desequilíbrio emocional e muitas idas e vindas em relação ao passado. Isso se dá em relação ao episódio com a amante, quando foi pego em flagra pelo filho Biff, que havia ido procurar o pai pedindo ajuda na prova de recuperação que precisava fazer para conseguir uma bolsa de estudos na faculdade. Como já dito, Willy sabe de sua culpa, mas sua consciência se recusa a admitir isso, pois o fracasso do filho equivale a seu fracasso como pai. O trecho abaixo, uma conversa com o colega do filho, Bernard, mostra esta oscilação na mente de nosso herói:

> Bernard- Você falou para ele não fazer a recuperação?
> Willy- Eu? Eu implorei para ele ir. Mandei ele ir!
> Bernard- Então porque ele não foi? - Por quê? Por quê!, Essa pergunta me persegue feito um fantasma faz quinze anos[...] (p. 231)
> Bernard-[...] Sempre achei muito estranho saber que ele tinha desistido da vida. O que aconteceu em Boston, Willy?

> Willy- O que você esta querendo fazer, botar a culpa em mim? Se o rapaz desiste a culpa é minha? (MILLER, 2009, p. 232)

O fracasso com o filho Biff não é a única falha de Willy. Ele sente inveja de seu amigo e vizinho Charley porque ele conseguiu tudo o que Willy gostaria, o vizinho sempre foi bem sucedido seja na relação com seu filho, que sempre foi um bom aluno, seja profissionalmente, e seu filho Bernard também consegue um boa profissão. Era Charley quem emprestava dinheiro para Willy e chegou até a oferecer um emprego a ele, mas por orgulho o mesmo não aceitou, pois se aceitasse estaria admitindo o seu próprio fracasso. Ele sempre menosprezou Bernard, porque achava que Biff era melhor que ele, mas a consciência do sucesso de Bernard faz com que ele perceba ainda mais o fracasso do filho:

> Charley-(...) Olhe só este menino! Vai defender uma causa na suprema corte! Bernard-[protesta] Pai!
> Willy-(sinceramente chocado, magoado e feliz) Não!Na Suprema Corte!
> Bernard - Tenho que correr. Tchau, pai!
> Charley- Acabe com eles, Bernard!
> Willy-[...] A Suprema Corte! E ele nem tinha falado nisso!
> Charley-(...) Não precisa falar... Ele age.
> Willy - E você nunca falou para ele que ele tinha de fazer, falou?Nunca se interessou por ele.
> Charley- O que me salva e que nunca me interessei por nada [...] (MILLER, 2009, p. 233)

Willy durante toda sua vida construiu sonhos que nunca deixaram de ser ilusão e isso ele transfere para seus dois filhos que cresceram acreditando no sucesso que seu pai, na verdade, nunca obtivera, como vemos:

> Willy- [...] Vou contar uma coisa para vocês, meninos. Não contem para ninguém. Um dia eu vou ter o meu próprio negócio [...] Maior que o do tio Charley! Porque o Charley não... escute. Ele é admirado, mas não tem... muito prestígio. (MILLER, 2009, p. 185)
> Willy-[...] Prestigio, tenham prestigio e nunca vai faltar nada para vocês. Eu, por exemplo. Nunca esperei na fila para ver um comprador. “Willy Loman está aqui!” É o que basta eles saberem, e eu entro direto. (MILLER, 2009, p.187)

Os sonhos de Biff e Happy foram construídos sob falsos pilares e só quando adultos eles reconhecem o fracasso do pai. Ao mesmo tempo, o próprio Willy começa a

notar seu fracasso, pois já não possui mais a admiração dos filhos. Somente a esposa mantém sua ilusão de sucesso, como notamos:

> Willy-[...] Ah, eu vou arrasar semana que vem. Vou até Hartford. Eu tenho muito prestígio em Hartford. Sabe, o problema, Linda, é que as pessoas parecem que não se apegam a mim.
> Willy-[...] Eu percebo na hora que eu entro. Parece que dão risada de mim.
> Linda-[...] por quê? Por que haveriam de rir de você? Não fale assim, Willy.
> Willy-[...] Não sei por que razão, mas elas passam por mim. Eu não sou notado.
> Linda-[...] Mas você está se dando tão bem, Willy. De setenta a cem dólares por semana. (MILLER, 2009, pp. 189-90)

O que se percebe é que o herói trágico moderno Willy Loman, diferentemente do herói trágico clássico, não é alguém que está no topo da sociedade, ou seja, pertence à classe alta ou vem de uma família de posses, e sim é alguém que luta por sua sobrevivência e a de sua família, a qual deposita nele muitas expectativas:

> Willy- Imagine trabalhar a vida inteira para pagar uma casa[...]
> Linda- Bom, meu bem, a vida continua. Sempre foi assim.
> Willy- Não, não tem gente que...tem gente que consegue fazer alguma coisa[...]
> Willy-[...] Mas tenho que trabalhar dez, doze horas por dia. Outros... não sei... é mais fácil para eles. Não sei por quê... não consigo me controlar... eu falo demais. O sujeito tem que chegar com poucas palavras. E respeitam ele (MILLER, 2009, pp. 174-5).

As mudanças que o sistema capitalista instituiu a sociedade que Willy representava não trouxeram mudanças para a sua vida, pois o mesmo não consegue adaptar-se com as exigências e tampouco progredir em sua profissão. Esse novo sistema não tem compaixão com aqueles que, assim como Willy, não se adequaram às suas exigências e isso é difícil de ser aceito por alguém que sempre acreditou em seu sucesso, mesmo sem tê-lo conhecido. Ele continua sendo, sempre, um caixeiro viajante na empresa que ele mesmo ajudou a formar, até um dia em que, já velho, sem se destacar na profissão, recebe o aviso de sua demissão, e não é fácil para Willy aceitar a sua demissão, pois sentia ter se dedicado ao crescimento da empresa, sentia ter dado sua vida por ela.

> Willy- Bom, para falar a verdade, Howard, eu cheguei à conclusão de que eu prefiro não viajar mais [...] É o seguinte, sabe, Howard. Para falar com franqueza e que fique entre nós, sabe... eu estou um pouco

> cansado [...] Deus sabe, Howard, que eu nunca pedi favor a ninguém. Mas eu estou na empresa desde que seu pai carregava você no colo. [...] (MILLER, 2009, p. 221)

Mas este sistema capitalista exclui os fracassados e Willy, sendo um caixeiro viajante medíocre, não tem mais serventia e deve ser dispensado. Nosso herói falhou na escolha da profissão, não progrediu nela, não se adequou aos avanços do mercado e agora, com mais de sessenta anos, vê-se dispensado. Enfrentar o fracasso na profissão, além do fracasso familiar é algo pesado demais para este herói.

> Howard- Eu sei disso, Willy, mas... [...] Eu valorizo isso tudo, Willy mas simplesmente não tem ponto para você aqui. Se eu tivesse um ponto colocava você imediatamente, mas simplesmente não tenho nem um único ponto.[...] Não quero que seja o nosso representante. Estou querendo dizer isso para você faz bastante tempo já. Willy- Howard, você esta me despedindo?
> Howard- Acho que você precisa de um descanso prolongado, Willy. (MILLER, 2009, p. 221, 222 e 224).

Embora assim desvalorizado, sendo demitido no fim da carreira, Willy ainda tenta acreditar no próprio sucesso, ainda tenta agarrar-se á idéia de que é alguém importante, de que não fracassou: "Willy- [...] Eu sou indispensável na Nova Inglaterra. (MILLER, 2009, p.173)".

Um indivíduo que em fim de carreira descobre que não é mais necessário para o sistema, torna-se um mero objeto descartado desse sistema que visa apenas os lucros, assim como os produtos que são descartados pela sociedade de consumo. Embora tivesse passado anos a fio a trabalhar, já não conseguia mais pagar suas contas.

> Linda-[...] Willy Loman não ganhou muito dinheiro nunca. O nome dele nunca apareceu no jornal. Ele não tem o melhor caráter deste mundo[...] Atenção, atenção é o que uma pessoa dessas merece no final[...] Esse homem está exausto.[...] Em março vai fazer trinta e seis anos que ele trabalha para uma companhia, abriu campos que não existiam para a marca registrada deles e agora, na velhice tiram o salário dele. (MILLER, 2009, p. 205).

Willy se sente injustiçado, não admite o próprio fracasso como caixeiro-viajante. Aos poucos Willy foi perdendo até mesmo seu espaço físico. A casa que ele levara anos para pagar estava cercada de prédios que não permitiam o sol bater no quintal, até o ar já não circulava livremente, tudo foi sendo transformado e sente saudades daquele tempo

em que havia árvores para brincar de balanço com os filhos e admirar as flores, tudo isso ficou em suas lembranças.

> Willy- A rua está cheia de carros. Não tem um sopro de ar puro no bairro inteiro. A grama não cresce mais, não dá para plantar nem uma cenoura no quintal. Devia ter uma lei contra prédio de apartamento. Lembra daquelas duas arvores lindas ali na frente? Quando eu e o Biff penduramos um balanço no meio das duas?(MILLER, 2009, p. 175)

Muitas conseqüências foram trazidas pela modernidade, além da perda de seu espaço físico, o aumento da população e as exigências do mercado capitalista, no qual ele já não se inseria mais em decorrência de sua idade. "Willy- Tem mais gente! É isso que está acabando com este país! A população está ficando descontrolada. A competição é uma loucura! (MILLER, 2009, p. 175)"

O herói moderno é contraditório, como podemos perceber através do comportamento de Willy, ora ele reconhece que Biff é preguiçoso: "Willy- O problema é que ele é preguiçoso, droga![...] O Biff é um vagabundo! (MILLER, 2009, p. 174)"; ora elogia seu filho, seu sucesso na escola em que todos o admiravam: "Willy- [...] No maior país do mundo um rapaz tão... Bonitão está perdido. E tão trabalhador. Se tem uma coisa que o Biff não é, é preguiçoso." (MILLER, 2009, p.174); por vezes despreza as atitudes do filho de seu amigo (Bernard) e vizinho, mas sente inveja quando sabe que ele consegue se realizar profissionalmente, ao contrário de seus filhos; considera-se necessário no trabalho, mas logo reconhece que já está fatigado pelo peso de tantos anos lhe trouxera: "Willy- Estou morto de cansaço. Não consegui. Não consegui, Linda." (MILLER, 2009, p. 172). A contradição deste herói se explica por ser ele um herói moderno, que não se adapta á vida moderna, que sofre com as escolhas erradas feitas vida afora.

Ao fim da vida, Willy percebe que não tem mais tempo pra recuperar o que ficou para trás. A sua vida está chegando ao fim e não há mais nada que se possa fazer, contra o tempo nenhum individuo pode lutar. A culpa por tudo que ele cometeu em seu passado lhe atormenta e com isso ele vive constantemente com alucinações, não ver mais o passado e o presente, ele mistura as lembranças de seu passado com a dura realidade na qual se encontra. As culpas são a confirmação para esse herói das escolhas erradas que tomou. "Willy- [...] Por que eu não fui pra o Alasca com meu irmão Ben naquela época! [...] Que erro! Ele me implorou para ir." (MILLER, 2009, p. 193).

O herói moderno deve morrer, e Willy já pensara em suicidar-se com gás de cozinha, para que todos os seus problemas sejam solucionados. Com sua morte, Willy torna-se um verdadeiro herói e consegue trazer alívio para sua família, pois naquele momento ele valia mais morto do que vivo, pois com sua morte o dinheiro do seguro tiraria a família das dívidas que este herói não havia conseguido saldar em vida.

> Linda: Willy, meu querido. Não consigo chorar. Por que é que você fez isso? Eu procuro a resposta e não consigo encontrar, Willy. Hoje eu fiz o último pagamento da casa. Hoje, querido. E não haverá ninguém nela. (Um soluço sobe a sua garganta.) Não estamos devendo nada a ninguém. Estamos livres de obrigações. (Soluçando, mas aliviada.) Estamos livres...(Biff vem lentamente para ela.) Estamos livres...livres....(MILLER, 2009, p.)

A morte de nosso herói no acidente de carro (que gera dúvidas, pois a idéia do suicídio é sugerida) é o destino único após tantas escolhas erradas em sua vida. Sem conseguir admitir o próprio fracasso, Willy viveu uma vida de ilusões, iludindo também os filhos e a esposa. Quando seu fracasso se torna notório, com as poucas vendas, com a demissão, com o fracasso dos filhos, o fardo é pesado demais, tanto para si quanto para a família e Willy encontra na morte a solução para seus conflitos.

CONCLUSÃO

Em *A morte do caixeiro viajante* objetivou-se mostrar a figura do herói trágico moderno representado por Willy Loman. Para isso foi feito um levantamento teórico que implicou identificar o personagem como herói trágico moderno e suas particularidades.

A caracterização de Willy Loman, o protagonista da história, como herói trágico moderno nos revelou um herói que sofre muito por não saber encarar a realidade e viver afundado em suas ilusões de um sucesso inalcançado. Ele projeta sonhos que no decorrer de sua trajetória de vida não conseguiu realizar, sonhos esses que o fazem delirar. A definição que é dada ao herói trágico clássico não se encaixa para as tragédias modernas, como vimos neste protagonista que falha e cai por conta de suas próprias decisões e não por força do destino.

Willy Loman, herói moderno, vive uma tensão interior que se estabelece entre o homem enquanto individuo e o seu papel dentro da sociedade, isso o torna vitima de suas próprias ações, pois o mesmo não consegue alcançar absolutamente sua auto-realização.

[1]Acadêmica do 8º período do Curso de Licenciatura dupla em Letras Inglês e Português

Este herói passa a viver com os fantasmas de seu passado, recordando lembranças daquilo que não pode realizar enquanto era considerado “forte” e “corajoso”, e a única maneira encontrada para a resolução destes conflitos é a morte.

Este trabalho objetivou mostrar a caracterização do herói trágico moderno na peça *A morte do caixeiro-viajante*, de Arthur Miller e este intento foi alcançado. Muito ainda pode ser feito em relação a este drama que retrata tão bem as contradições e os conflitos do homem moderno.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 4. ed. Vol. I. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

CANDIDO, Antônio *et. al.* **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FEHÉR, Ferenc. **O Romance Está Morrendo?** Trad. Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

FEIJÓ, Cezar Martin, **O que é o herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

KOTHE, Flávio. **O Herói.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

EIKENBAUM, B. et alii. **Teoria da Literatura- formalistas russos**. Trad. de Ana M. R. FILIPOUSKI e outros. Porto Alegre: Globo, 1973.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance.** Trad. José Marcos M. de Macedo. São Paulo: Duas cidades: 2000.

MAGALDI, Sábato. Arthur Miller. In: MILLER, Arthur. **A morte do caixeiro viajante.** Trad. Flávio Rangel. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MILLER, Arthur. **A morte do caixeiro viajante e outras 4 peças**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

[1]Acadêmica do 8º período do Curso de Licenciatura dupla em Letras Inglês e Português